

LAROYÊ SAMBA: OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS DO SAMBA

LAROYÊ SAMBA: THE AFRO-BRAZILIAN CIVILIZING VALUES OF SAMBA

Juliano Dumani¹

RESUMO

Energia Vital - Axé -, Oralidade, Circularidade, Religiosidade, Corporeidades, Musicalidade, Ancestralidade, Memória, Ludicidade, Territorialidade, Cooperativismo e Comunitarismo: os valores civilizatórios afro-brasileiros expõem a presença, a influência e a participação da população negra na construção da brasilidade. Logo, por meio do método da revisão bibliográfica, a presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre os valores como aspectos do samba, sob a perspectiva do reconhecimento da escola de samba como terreiro e da influência do orixá Exu para demonstrar que mesmo as investidas para industrializá-lo, descaracterizá-lo e embranquecê-lo não são capazes de fazer com que ele perca suas raízes e valores. Para o desenvolvimento deste estudo foi feita uma pesquisa bibliográfica, tendo como principais embasamentos teóricos as obras de Brandão e Trindade (2010), Gonzalez (2020), Santos (2010), Simas (2021), Sodré (1998) e Theodoro (2010), além do referencial musical, uma vez que se trata de uma pesquisa de temática artística e cultural nesta área. Os trabalhos desenvolvidos na comunidade do Morro da Mangueira – na escola de samba e no Museu do Samba – foram utilizados de maneira complementar para exemplificar e contribuir na construção do argumento proposto. Por fim, evidenciou-se o papel do samba como um fruto da semente africana gestada em terras brasileiras e um símbolo da identidade nacional para apontar suas características que evidenciam os valores civilizatórios afro-brasileiros, sob a perspectiva do reconhecimento da escola de samba como terreiro e da influência de Exu – orixá do movimento, da dinamicidade, da comunicação, da troca e da transmissão de Axé – no samba, em nível vocal, musical, corpóreo e comunitário. Enfatizou-se, ainda, a relevância de verificar os tais valores como um movimento do exercício da memória, que é duramente atacada pelo projeto social, político e cultural de apagamento da contribuição da população negra na construção do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Samba. Valores civilizatórios afro-brasileiros. Exu.

ABSTRACT

Vital Energy - Axé -, Orality, Circularity, Religiosity, Corporeities, Musicality, Ancestry, Memory, Ludicity, Territoriality, Cooperativism and Communitarianism: Afro-Brazilian civilizing values expose the presence, influence and participation of the black population in the construction of Brazilianness. Therefore, through the bibliographic review method, this research aims to reflect on values as aspects of samba, from the perspective of recognizing the samba school as a terreiro and the influence of the orixá Exu to demonstrate that even the attempts to industrialize it, mischaracterizing it and whitening it are not capable of making it lose its roots and values. For the development of this study, a bibliographical research was carried out, having as main theoretical bases the works of Brandão and Trindade (2010), Gonzalez (2020), Santos (2010), Simas (2021), Sodré (1998) and Theodoro (2010), in addition to the musical reference, since it is a research of artistic and cultural themes in this area. The works developed in the Morro da Mangueira community – at the samba school and at the Samba Museum – were used in a complementary way to exemplify and contribute to the construction of the proposed argument. Finally, the role of samba was evidenced as a

¹ Discente de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGPACS/UFRRJ). Graduado em Letras - Português e Inglês pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho e em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

fruit of the African seed gestated in Brazilian lands and a symbol of national identity to point out its characteristics that evidence the Afro-Brazilian civilizing values, from the perspective of the recognition of the samba school as a terreiro and the influence of Exu – orixá of movement, dynamism, communication, exchange and transmission of Axé – in samba, at vocal, musical, corporeal and community levels. It was also emphasized the relevance of verifying such values as a movement of the exercise of memory, which is harshly attacked by the social, political and cultural project of erasing the contribution of the black population in the construction of Brazil.

KEYWORDS: Samba. Afro-brazilian civilizing values. Exu.

1 INTRODUÇÃO

Algo que deveria ser uma verdade absoluta para todo brasileiro é o fato de que o racismo existe e, após a abolição, ainda há situações análogas à escravidão determinadas por raça e etnia. Quem dera isto fizesse parte do senso comum da população! Porém, quando o próprio **Hino da Proclamação da República** (1890) afirma não crer que tenha havido “escravos” em “tão nobre país”, subentende-se que ainda existe necessidade de algumas verdades serem reafirmadas. Não se trata de se tornar repetitivo ou redundante, mas de trazer sempre à memória o que “se perde no tempo”.

É corriqueiro falar como a memória do povo brasileiro é curta, principalmente em época de eleição. Isso significa que a população do país nasceu com alguma deficiência que afeta biologicamente sua capacidade de exercer a memória? Pelo contrário! Jacques Le Goff, na obra **História e Memória** (LE GOFF, 1990, p. 477), reflete sobre o papel da memória na sociedade, concluindo que: “[...] a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. A memória é este campo em disputa, que segue a premissa, defendida por Paulo Freire (2021) de que quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.

Os livros de História existem e não surgiram por um “milagre divino”. Eles tiveram “mãos” por trás escrevendo, com intenções muito bem definidas, servindo a um conjunto de interesses de uma classe dominante. Não foi à toa, na música **Exú nas escolas** (2018), ser cantado que é fácil aderir a uma ética e a uma ótica, de dentro para fora da escola, presa em uma “enciclopédia de ilusões bem selecionadas e contadas só por quem vence” (EXÚ, 2018). Parte, então, da memória do povo, é estabelecida pelo que se traz em sala de aula, mas, como disse a canção, facilita a aderência. Isto significa que a sala de aula não é o único espaço de propagação dessa memória. O

campo cultural também tem grande responsabilidade nisso, pois é nele que se estabelecem signos e imagens permeando o imaginário coletivo sobre a sociedade, a política e a memória.

O sistema racista estabelecido na estrutura sociopolítica do país tem relação com a construção da atual imagem do Brasil. Por exemplo, pensar o samba como um símbolo da identidade nacional foi uma maneira de se apagar os séculos de escravização da população negra. Não é a assinatura de um tratado de democracia racial, mas um processo de apagamento. Em caso de dúvida, lembre-se do **Hino da Proclamação da República** (1890). O samba é o melhor recorte para entender o desenvolvimento do racismo no Brasil. Primeiro, ele é marginalizado, perseguido e ostensivamente reprimido; em seguida, vai sendo aceito, com algumas concessões, diante de sua resistência; e, por fim, sofre investidas mais diretas, com o intuito de descaracterizá-lo como uma genuína manifestação cultural afro-brasileira, para torná-la um símbolo nacional “neuro” e um mero produto da indústria fonográfica e da cultura de massa. Um verdadeiro processo epistemicida (NASCIMENTO, 2019).

Entretanto, o que é o samba? É complexo propor uma única definição devido ao fato de ele ser muito além de um mero gênero musical e/ou estilo de dança. Pode-se compreendê-lo como fruto da semente africana gestada em terras brasileiras – algo proposto, de certo modo, pelo sambista e compositor Candeia, na letra de **Sou Mais o Samba** (1977). Sendo, então, um dos exemplos da presença, influência e participação da população negra na construção da brasilidade, o samba traz consigo, em sua raiz, os valores civilizatórios afro-brasileiros.

Azoilda Loretto da Trindade, ao lado de outros educadores e pesquisadores, por meio do **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres** (BRANDÃO; TRINDADE, 2010), falam da importância destes valores, pois eles possibilitam:

[...] compreender que vivemos embates terríveis, sociais e históricos, determinados pelo racismo; perceber que não estamos condenados a um mundo euro-norte-centrado, a um mundo masculino, branco, burguês, monoteísta, heterossexual, hierarquizado... Outros modos de ser, fazer, brincar e interagir existem (TRINDADE, 2010, p. 14).

Em seus estudos, Brandão e Trindade (2010) chegam a apontar doze valores: Energia Vital - Axé -, Oralidade, Circularidade, Religiosidade, Corporeidades, Musicalidade, Ancestralidade, Memória, Ludicidade, Territorialidade, Cooperativismo e Comunitarismo. Logo, por ser uma manifestação cultural de origem afro-brasileira, de que maneira o samba apresenta esses valores em suas características?

Para responder ao questionamento proposto, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, por determinar a consulta do “material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos” (GIL,

2008, p.50), além do referencial musical, tendo em vista que a presente pesquisa é de temática artística e cultural nessa área, a fim de “ler, refletir e escrever o sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos” (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 66). Quanto ao embasamento teórico, foram consideradas obras de diversos autores como Brandão e Trindade (2010), Gonzalez (2020), Santos (2010), Simas (2021), Sodré (1998) e Theodoro (2010).

Portanto, por meio da revisão bibliográfica, busca-se refletir sobre os valores como aspectos do samba, sob a perspectiva do reconhecimento da escola de samba como terreiro e da influência do orixá Exu, para demonstrar que mesmo as investidas para industrializá-lo, descaracterizá-lo e embranquecê-lo não são capazes de fazer com que ele perca suas raízes e valores. Para isso, ao longo do artigo, foram abordados, de modo respectivo, a compreensão de valores civilizatórios afro-brasileiros, a relação entre samba, terreiro e Exu e, por fim, o papel da memória para o samba.

2 VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

O que significa um “valor”? Esse termo é um exemplo de palavra polissêmica, que reúne vários significados, ainda mais dentro do aspecto dos estudos das Ciências Humanas. O mais usual é a sua compreensão como o preço de algo: “Qual é o valor disso? Quanto custa aquilo?”. Ainda nesse campo econômico e político, porém, na perspectiva marxista, a compreensão desse termo se divide em “valor de troca” e “valor de uso”, além do “mais-valor” (HUNTY, 2021). No campo social e filosófico, encontra-se associado à ideia de moralidade e de ética, surgindo, assim, os valores morais e éticos, ou seja, fundamentos embasados na compreensão dessas ideias.

Aos olhos desatentos, cabe pedir que notem a presença do nome “civilizatório” empregado a esses valores. É errado? Não! Em um dos seus vídeos, Bira (2020) fala sobre o entendimento de que o negro é reconhecido como “feio, mal e selvagem”, perspectiva estudada por Frantz Fanon, em sua obra **Pele Negra, Máscaras Brancas** (FANON, 2020). Logo, trazer esse aspecto como valor civilizatório é, de algum modo, uma desmistificação da noção de um valor “selvagem e primitivo”, pois na África havia civilizações e reinos, com suas complexas relações sociais, conforme articula Mônica Lima e Souza por toda a edição especial intitulada **Heranças africanas no Brasil, da Samba em Revista** (MUSEU DO SAMBA, 2021).

Contudo, é “tão corriqueiro” associar a ideia de civilização à imagem da estética europeia, que ao falar do território africano fica estabelecido no imaginário a imagem da savana, das cabanas, do deserto, da fome e da guerra. Não se trata de uma associação “do acaso”, visto que ela foi

pensada dessa maneira, de forma a refletir a estrutura social racista que se estabeleceu mundialmente. Segundo Rita von Hunty (2022), a Guerra da Ucrânia serviu para demonstrar o imaginário eurocentrado por meio das falas dos repórteres que se assombram com uma guerra às portas da Europa, enquanto relativizam e naturalizam as guerras e as mortes em territórios africanos, considerados de “terceiro mundo”. Césaire sempre teve toda razão: “a Europa é indefensável” (CÉSAIRE, 2020, p.9).

Resume-se, então, a compreensão do que se trata os valores civilizatórios afro-brasileiros a partir da seguinte construção de sentido, proposta por Trindade (2010):

[...] **valores**, talvez, fundamentos morais, éticos e comportamentais que nos são significativos e importantes; **civilização**, talvez, conjunto de produções materiais e imateriais de uma sociedade. No nosso caso, não significa a higienização do humano, nem seu apartamento da natureza, nem uma evolução; **afro-brasilidade**, talvez, maneiras, possibilidades de matrizes africanas ressignificadas pelo modo de ser dos brasileiros/as (TRINDADE, 2010, p. 12).

Dito isso, segue-se para a apresentação desses valores, mencionados anteriormente na introdução deste artigo, a partir da compreensão exposta sobre esta expressão utilizada por Azoilda Trindade (2010), para defini-los e demonstrar como existe uma dinâmica interligada – ou melhor, de encruzilhada – com o que se entende como samba – e escola de samba –, levando em consideração a influência do orixá Exu.

3 EXU, O SAMBA TEM SEUS VALORES

Antes de simplesmente fazer associações jogadas, sem o mínimo rigor metodológico ou respeito ao sentido já estabelecido sobre tais valores, faz-se necessário observar como Azoilda Trindade (2010) traça o funcionamento e a “encruzilhada” entre eles:

Reconhecemos a importância do Axé, da ENERGIA VITAL, da potência de vida presente em cada ser vivo, para que, num movimento de CIRCULARIDADE, esta energia circule, se renove, se mova, se expanda, transcenda e não hierarquize as diferenças reconhecidas na CORPOREIDADE do visível e do invisível. A energia vital é circular e se materializa nos corpos, não só nos humanos, mas nos seres vivos em geral, nos reinos animal, vegetal e mineral. “Na Natureza nada se cria, tudo se transforma”, “Tudo muda o tempo todo no mundo”, “... essa metamorfose ambulante”.

Se estamos em constante devir, vir a ser, é fundamental a preservação da MEMÓRIA e o respeito a quem veio antes, a quem sobreviveu. É importante o respeito à ANCESTRALIDADE, também presente no mundo de territórios diversos (TERRITORIALIDADE). Territórios sagrados (RELIGIOSIDADE) porque lugares de memória, memória ancestral, memórias a serem preservadas como relíquias, memórias comuns, coletivas, tecidas e compartilhadas por processos de COOPERAÇÃO e

COMUNITARISMO, por ORALIDADES, pela palavra, pelos corpos diversos, singulares e plurais (CORPOREIDADES), pela música (MUSICALIDADE) e, sobretudo, por que não, pelo prazer de viver — LUDICIDADE (TRINDADE, 2010, p. 14).

Diante dessa dinâmica, observa-se um princípio, um fundamento enraizado, consolidado. Não se trata de ideias “jogadas ao vento”, mas sim de outros modos de ser, fazer, brincar e interagir. Para isso, os espaços como os terreiros e as escolas de samba existem para preservar essas raízes. Por sinal, como explica Luiz Antônio Simas, terreiros e escolas de samba são extensões da mesma coisa: “instituições associativas de invenção, construção, dinamização e manutenção de identidades comunitárias, redefinidas no Brasil a partir da fragmentação que a diáspora negreira impôs” (SIMAS, 2021, p. 32).

Muniz Sodré define Axé como “o poder ou força de realização, que possibilita o dinamismo da existência” (SODRÉ, 1998, p. 20), ou como “energia vital” (BRANDÃO; TRINDADE, 2010) – compreensão estritamente vinculada a Exu (RUFINO, 2019), aquele que arrasta e fascina, a força magnética, o impulso “de se completar a ausência do tempo com a dinâmica do movimento do espaço” (SODRÉ, 1998, p.11), trazendo o corpo que falta, como apela a síncopa, pois o axé “se deixa conduzir pelas palavras e pelo som ritualizado” (SODRÉ, 1998, p. 67). Enquanto elemento que substancia a vida, o axé só é “potencializado, circulado, trocado e multiplicado a partir das operações de Exu” (RUFINO, 2019, p. 66-67).

Exu atua na musicalidade, mas também nas corporeidades. Segundo Muniz Sodré, no samba, Exu mostra a sua cara e impulsiona o nosso corpo a garimpar a falta, de modo latente e potente, sendo o princípio do movimento, da dinamicidade das trocas, da comunicação e da individualidade (SODRÉ, 1998). Exu é o “elemento terceiro, o que habita e faz estripulias entre ‘o eu e o outro’” (RUFINO, 2021, p. 48). No samba, ele é o terceiro termo, a terceira pessoa, o princípio dinâmico do sistema, que conduz a palavra, o som da voz humana (SODRÉ, 1998).

Contudo, o axé se movimenta não apenas pelo som e pelo corpo, mas também pela palavra falada. Dentro das religiões de matriz africana, Mãe Stella de Oxóssi explica que o conhecimento transmitido de maneira oral não serve apenas para a manutenção da tradição – devido à ausência de “um livro sagrado” –, nem pelo guardar dos mistérios, mas, principalmente, porque “o conhecimento passado por um mais velho está cheio de emoções, sentimentos e, conseqüentemente, Axé” (SANTOS, 2010, p. 90). A oralidade vai além de um elemento metodológico de registro histórico: trata-se de um valor, um fundamento ancestral importantíssimo para a cultura negra. Esse movimento do Axé, essa troca de energia, seja na música, no corpo ou na palavra falada, é a circularidade.

Orixá da comunicação entre os humanos e as energias sagradas, o Rei do corpo humano (AZEVEDO, 2021), entre outras qualidades, cujas cores são vermelho e preto e seu dia é a segunda-feira, Exu é o “mensageiro dos orixás, o portador de todas as oferendas e o guardião do mercado, dos templos, das casas e das cidades” (THEODORO, 2010, p. 61). Um fator determinante da comunicação é que a mensagem vai e volta. Existe na comunicação uma relação de interação e troca, sendo que sua melhor representação é o círculo. Exu é o princípio da dinamicidade das trocas (SODRÉ, 1998) e, por consequência, da circularidade.

Um movimento circular presente em cada manifestação negra em diáspora – quilombo, candomblé, umbanda, maracatu, capoeira, jongo, tambor de crioula, cucumbis, samba etc. – em busca de manter sua conexão, de se comunicar e trocar energia com a sua ancestralidade. Princípio este que, para os povos negros africanos e em diáspora, está em tudo:

A Terra gira em torno de si e do Sol e nós giramos com ela. Através desse movimento estabelecemos comunicação e entramos em harmonia com todo o Universo. Assim, ao girar as porta-bandeiras e baianas se harmonizam com o Universo, evocam as forças ancestrais, os princípios de quem deu origem à sua Escola de Samba, e ao gerar o movimento no ar, recolhe e espalha o axé para toda a comunidade. Corpo individual e corpo coletivo do Quilombo Escola de Samba, em equilíbrio com a natureza.

A dança, o giro, é ao mesmo tempo arte e reza. Arte porque tem o poder de encantar e expressa o sentimento de um povo. É uma reza porque carrega toda ancestralidade da comunidade (NIEGRO, 2020).

Em cada roda de samba, há conexão com os que partiram e celebração entre os que ainda ficam reexistindo nesse mundo. Nota-se, então, o relevante papel da ancestralidade para a população negra. O colonialismo e a escravização negaram à população negra o direito de conhecer seus ancestrais mais antigos, seus avós e bisavós, como parte do projeto social, político e cultural de epistemicídio – o extermínio do pensamento do outro, no qual se sequestra e se subtrai tudo o que puder se apropriar, e apaga os saberes e práticas desse povo (NASCIMENTO, 2019). Contudo, é preciso apontar: ancestral não é simplesmente quem já morreu.

A ancestralidade, em muitas culturas, é um conceito fundador, espargido e imbuído em todas as práticas sociais, exprimindo uma apreensão do sujeito e do cosmos, em todos os seus âmbitos, desde as relações familiares mais íntimas até as práticas e expressões sociais e comunais mais amplas e mais diversificadas (MARTINS, 2021, p. 23).

No Candomblé, o axé é transmitido ao mais novo a partir dos ensinamentos dos mais velhos (SANTOS, 2010) – a sabedoria ancestral. Na escola de samba, a Velha Guarda é formada pelas personalidades sambistas mais antigas e respeitadas pela sua comunidade, e, geralmente, uma delas se torna presidente de honra. Não se fala de Portela, sem falar de Paulo, Natal, Dodô, Candeia,

Monarco e tia Surica. Não se fala de Mangureira, sem falar de tia Fé, Cartola, Carlos Cachaca, Zé Espinguela, Jamelão, Delegado, dona Neuma e dona Zica. É “a presença imanente do ancestral na vida cotidiana dos sujeitos” (MARTINS, 2021, p. 23) e da sua comunidade.

A relação de Exu com o samba evidencia o valor da religiosidade. Assim, antes de ter quadra, a sede de uma escola de samba era reconhecida como terreiro – nome este atribuído e associado ao espaço sagrado de culto das religiões de matriz africana –, sendo a mudança de nome um sintoma dessa modernização e embranquecimento das escolas (LOPES, 2017). O elemento territorial, ao lado da ideia de comunidade, é o que diferencia uma escola de samba de um bloco carnavalesco, como explicou Milton Cunha em um seminário (MUSEU DO SAMBA, 2023).

No campo da Territorialidade, a “quadra” não é apenas um espaço de eventos da escola para períodos não-carnavalescos, mas sim um lugar sagrado para os seus integrantes. É um lugar de interação, de ligação, de construção de relações. O sentido de comunidade e cooperativismo se consolida entre as paredes dessa escola, mesmo havendo conflitos e divergências de opinião, pois é nesse lugar que pessoas de lugares distintos se encontram por causa da agremiação, e dentro desse espaço constrói-se relações e surgem projetos sociais em prol da comunidade.

As matrizes do samba carioca implicam “relações de sociabilidade” (NOGUEIRA, 2015), pois, nela, “riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer papel” (SIMMEL, 2006, p. 67). Ela se constitui neste lugar onde a pessoa não é superior ao grupo ali reunido e se estabelece “um mundo sociologicamente ideal: nela, a alegria do indivíduo está totalmente ligada à felicidade dos outros” (SIMMEL, 2006, p. 69). No dossiê das matrizes, destaca-se o “terreiro do samba” como um espaço de sociabilidade no qual “os sambistas se encontram, trocam ideias, histórias e sambas” (IPHAN, 2014, p. 50), sendo caracterizado de forma mais ampla da seguinte maneira:

[...] foi e é um espaço sociocultural de grande importância para o samba. “Terreiro” pode ser o quintal de Tia Ciata, do mesmo modo como a palavra designa popularmente a casa de candomblé, e pode se referir também aos fundos de quintal dos subúrbios cariocas. As rodas de samba que agregavam (e ainda agregam) parentes, amigos, vizinhos num grande conagraçamento afetivo e musical funcionavam (e ainda funcionam) também como momentos de intensas trocas culturais, realizadas, sobretudo através da música (IPHAN, 2014, p. 50).

Na fase inicial das escolas de samba, Nei Lopes (2017) reconhece a solidariedade como traço fundamental, onde se estabelecia o sentido comunitário do grupo. Vinicius Natal acrescenta a esta informação, o fato de seus fundadores terem sido sujeitos negros cientes da mudança política, social e cultural de seu tempo, que lutavam por cidadania, por afirmação social e por inserção no

mercado de trabalho em “uma cidade, em um país que excluía os sujeitos negros das oportunidades de trabalho mais bem remuneradas” (A NARRATIVA, 2023).

Dentro de um sistema capitalista, no qual o dinheiro é adorado, pensar em organizações não visadas ao lucro, mas para a sua comunidade é um caráter subversivo à lógica imposta. Sem intenção de ser hipócrita, sabe-se da necessidade do dinheiro. Porém, ele não é estabelecido como objetivo, seguindo a lógica capitalista de apenas arrecadar para o lucro de uma diretoria que ignora a sua comunidade. Cabe ressaltar que não se pode “botar a mão no fogo” por todas as organizações, devido a certas lideranças, mas isso já é assunto para outro artigo.

No geral, o dinheiro não é o foco, mas apenas um recurso – que, muitas vezes, falta – usado para promover a festa da comunidade no desfile competitivo da Liga na Sapucaí ou na Intendente Magalhães, e para socorrer a necessidade de seus integrantes. A escola de samba Estação Primeira de Mangueira é um exemplo disso, quando estabelece programas sociais como Mangueira do Amanhã, Instituto Profissionalizante Mangueira, Programa Social Mangueira e Camp Mangueira (MANGUEIRA, 2023), pensados para a promover melhorias em favor da comunidade.

Por sinal, a Territorialidade é um aspecto bastante anterior ao surgimento de uma “quadra” de escola de samba. Ela pode ser observado na formação dos terreiros e no surgimento dos quilombos, como o de Palmares – uma sociedade efetivamente democrática, “o primeiro Estado livre das Américas e um Estado criado por negros” (GONZALEZ, 2020, p.204) –, e até na casa da Tia Ciata, popularmente conhecida como lugar onde o samba se consolidou. É interessante mencionar esse último, pois sua casa se consolidou como espaço de resistência e preservação das práticas culturais e religiosas da população negra, como, por exemplo o samba e o Candomblé, em um contexto de perseguições promovidas por agentes policiais contra estas práticas, a partir da vigência do Código Criminal de 1890, que proibia o jogo de búzios, o Candomblé e o samba, entre outros (SILVA, 2019).

As casas das tias baianas, de forma geral, são um exemplo destes espaços de sociabilidade onde “se perpetuavam os cultos aos orixás, se comiam pratos de origem baiana e também se cantava, dançava e batucava, no salão e no quintal” (IPHAN, 2014, p.184). Contudo, a casa de Tia Ciata se destaca das outras devido à permissão para as festividades negras acontecerem dentro de seu terreno, graças a ela ter curado o Presidente da República de sua época (MOURA, 1995). Para Muniz Sodré, a sua casa é um símbolo de “toda estratégia de resistência musical à cortina de marginalização erguida contra o negro em seguida à Abolição” (SODRÉ, 1998, p.15). Talvez seja até possível considerar a casa de Tia Ciata um embrião para o que viria a ser o terreiro/quadra de uma escola de samba.

Por último, dono da gargalhada inconfundível e poderoso sobre as encruzilhadas, Exu não permite que se esqueça da necessidade de “invocarmos nossos antepassados para a lida cotidiana”, contra o projeto colonial – a morte e o desencanto – e, por isso, propõe através da boca dos autores: “Em cada esquina da cidade em que se gargalha, se bebe e se versa um samba, haverá de se ajuremar um malandro e se transformar as encruzilhadas em campos de possibilidade” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 12). O samba e o carnaval são exemplos deste sentir, fazer e pensar nas sabedorias das macumbas brasileiras: é a ludicidade da maior festa deste planeta, uma grande brincadeira. Exu é samba! Exu é a escola de samba inteira!

4 CONSIDERAÇÕES PARA MEMÓRIA

Por que falar de samba quando se tem uma população com fome, sem segurança e educação etc.? No conto **Duzu-Querença**, de Conceição Evaristo, é afirmado o seguinte:

Estava chegando uma época em que o sofrer era proibido. Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval (EVARISTO, 2018, p. 38).

Falar de Carnaval é, de certa maneira, falar de samba – ainda mais ao mencionar “escola de samba”. O sucesso do Carnaval envolve o samba. Uma arte negra que virou manifestação popular e política, que não ignora o sofrimento, mas o subverte ao satirizar, chegou aos “Palácios” e intimidou “os poderosos”. Tamanho foi o temor, que a “elite”, representada na figura de Vargas, seguiu um princípio da arte da guerra, no qual “é derrotar o inimigo sem lutar”. E como isso foi feito com o samba? Simples. Aproxima-se, apropria-se e afasta-se de seus valores. Este foi o “tão querido” ideal modernista de antropofagia, que consiste resumidamente, conforme Rita von Hunty (2023), no aspecto de uma construção de identidade fluída, que se apropria daquilo considerado “bom”, “aproveitável”, e descarta o “resto”, o “desinteressante”. Porém, mantém o seu discurso com uma roupagem popular, de malandro, embora todo modernismo, com este “disfarce popular”, tenha sido na verdade apenas um projeto de uma vanguarda paulistana, ligada à cafeicultura e à aristocracia de São Paulo, com abrangência em várias áreas, com o intuito de definir o que seria a identidade nacional (HUNTY, 2023). Apropriação pelo “branco, no sentido de branco, macho mesmo, evidentemente, que tem a ver com o capitalismo” (GONZALEZ, 2020, p. 237).

Também é interessante pensar no modernismo, como reflete Vinícius Natal, pela compreensão da existência de dois grupos coexistindo neste período de movimento modernista, entre as décadas de 1920 e 1930:

[...] um, formado por intelectuais paulistanos que entendiam a modernidade como um símbolo de cultura nacional a ser moldada; o outro, formado por sambistas negros que enxergavam no samba e nas suas relações de sociabilidade uma maneira de alcançarem uma cidadania plena (NATAL, 2022, p. 27).

A partir disso, entende-se “modernismo” como uma continuação da lógica imposta reformada por esses intelectuais. Enquanto, a ideia de “modernidade”, no sentido de ser modernidade negra do samba, revela o descaso de que foram vítimas as pessoas negras no pós-abolição e atua como “um projeto inacabado de busca por direitos no Brasil” (NATAL, 2022, p. 27), motivando os sambistas negros na luta diária por melhores condições de existência, mesmo que isso seja considerado algo utópico.

Como Lélia Gonzalez explica, o racismo persiste com a população branca tratando os negros como “outro”, até a hora de falar de samba, tutu, maracatu, frevo, candomblé, umbanda, escola de samba e por aí fora, como se fosse “coisas nossas” (GONZALEZ, 2020, p.91). Gonzalez também chega a pontuar que, apesar do racismo vigente, a valorização das africanas enquanto mães, no Brasil, permitiu manter viva a chama dos valores culturais afro-brasileiros que transmitiram a seus descendentes, fazendo os brancos brasileiros falarem “pretuguês”, o português africanizado, e só conseguirem afirmar “como nacional justamente aquilo que o negro produziu em termos de cultura” (GONZALEZ, 2020, p.203). Inclusive, pode-se dizer que, muitos anos depois, na década de 1990, Wilson das Neves praticamente ilustra o que era temido por essa classe dominante branca em **O Dia em Que o Morro Descer e Não For Carnaval** (1996), uma revolução que eles ousam chamar de selvageria, barbárie, baderna.

Trazer os valores civilizatórios afro-brasileiros é um movimento do exercício da memória, que é duramente atacada pelo projeto social, político e cultural de apagamento imposto à sociedade – epistemicídio. Por esse motivo, foi deixado para o final este valor civilizatório afro-brasileiro: a Memória. Pode-se entendê-la como sendo o principal valor, não por ser superior aos outros, mas por ter sido alvo do processo colonialista que, por consequência, afetou os demais valores. Quem não sabe de onde veio, não sabe para onde vai. Se não há o exercício da memória, os demais valores se enfraquecem até desaparecerem diante das investidas racistas contra a população negra. Não é à toa tentarem associar a origem do samba aos povos indígenas (LOPES, 2015) ou, na perspectiva da intelectualidade branca dominante, à “figura mítica, selvagem e subjugada dos índios”.

Falar de memória remete à afirmação de Jacques Le Goff sobre o seu papel na sociedade. Porém, muito antes dele fazer esta afirmativa, os povos Akan já afirmavam, por meio de um de seus adinkras, o Sankofa: “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás” (NASCIMENTO; GÁ, 2022, p. 27). Símbolo este associado ao entendimento da importância da ancestralidade, da sabedoria de “aprender com o passado para construir o futuro” (NASCIMENTO; GÁ, 2022, p. 27). Em outras palavras, segundo Ablade Glover, o Sankofa significa “voltar às suas raízes e construir sobre elas o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade em todos os aspectos da realização humana” (GLOVER, 1969 apud NASCIMENTO, 2008, p. 31).

Como o “contar histórias” transmite o Axé, a energia vital, o samba sobrevive por meio da memória dos seus ancestrais – os grandes sambistas e personalidades das comunidades –, mas isso não isenta da possibilidade de haver muitas versões, algumas até opostas, por ser uma cultura marcada pela oralidade, o que não interfere essencialmente nas histórias do samba (SIMAS; MUSSA, 2010). Uma história escrita vem de uma contada – “a poesia pressupõe a oralidade” (SIMAS; MUSSA, 2010, p. 9) –; uma história contada vem da memória, mas a memória – e, por consequência, a história – pode ser “construída, seletiva e autocongratulatória” (NETO, 2017).

Pode-se considerar, aliás, este fato de muitas versões como um ponto positivo, pois, dessa maneira, não se consolida “a história” do samba, mas sim histórias, no plural, pois Chimamanda alerta sobre as consequências em narrar uma história única: o surgimento da representação de um povo com um aspecto imutável, a criação de estereótipos e, principalmente, o roubo da dignidade das pessoas (ADICHIE, 2019). Ou seja, vidas são impactadas, afetadas e influenciadas por este tipo de narrativa que acaba sendo concebida por quem possui o poder de contar a história do outro e torná-la a sua história definitiva, oficial.

O trabalho do Museu do Samba se torna fundamental ao promover o registro desse bem cultural e formar um acervo de depoimentos de inúmeras personalidades importantes para contar sobre a sua própria história, a história do samba e das suas comunidades. A salvaguarda do samba carioca não se estabelece na mera junção de referências culturais de natureza material, como livros, documentos, instrumentos e fantasias, mas sim pela transmissão de saber, que envolve a memória da ancestralidade do samba. Cabe repetir: Quem não sabe de onde veio, não sabe para onde vai.

Diante disso, encerra-se esse artigo, primeiro, saudando à família de Seu Jorge, pois dar o nome ao filho de “Samba” é um ato de coragem, em um país racista, onde nomes com referências afro-brasileiras são malvistas, enquanto os de origem bíblica estão espalhados e são bem-vistos – “*Deus me livre, meu filho se chamar Exu!*”, não é o que dizem? Em resposta, apenas duas palavras:

Laroyê Exu! E para quem acha “macumba” um tema repetitivo nas escolas de samba, receba: Exu é a escola de samba inteira! – melhor aceitar, vai doer menos.

Segundo, a quem estiver lendo, fica o convite para visitar o Museu do Samba, localizado na Rua Visconde de Niterói, nº 1296, na Mangueira, pois é um território de:

[...] possibilidade de visibilidade midiática como campo sociocultural de resgate e construção de subjetividades alicerçadas na insígnia de Cartola e na expressão cultural samba, com o desafio de utilização da cultura como um dos recursos, para melhoria sociopolítica e econômica da comunidade (NOGUEIRA, 2015, p. 15-16)

Por fim, um samba que traz consigo o ideal desta pesquisa e dos valores apresentados – **Nosso Nome, Resistência** (1987). Salve, Alcione! Salve, Mangueira!

Olha nosso povo aí
Conjugando no presente o verbo resistir
Nossos corpos densos respondendo à opressão
Nossos nervos tensos suportando a humilhação

O olho cresceu, tumbeiro chegou
O couro comeu, o pau roncou
Mas o negro é aroeira
Envervou, mas não quebrou

Preto velho tem mandinga
De amansar feitor
Nega mina tem um dengo
De matar de amor

Palmares, balaio, malês, alfaiates
Fugas, guerrilhas, combates
Mão na cara, dedo em riste
Pagodes, fundos de quintal, candomblés,
Jongos, blocos, afoxés
Assim também se resiste

Negritude resplandecente
Consciente a se reconstruir
O nosso nome é resistência
Olha o nosso povo aí ...
(NOSSO NOME, 1987)

REFERÊNCIAS

A NARRATIVA (Temporada 1, ep.2). **EMPRETECER** [Documentário/Série]. Direção: Filó Filho. Produção: Filó Filho e Manuela Veloso. Rio de Janeiro: Cultne TV, fev./2023. Disponível em: <https://cultne.tv/temas/4/documentarios/video/97/empretecer-ep2-a-narrativa>. Acesso em: 07 abr. 2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AZEVEDO, Joaquim. **Eu, você e os orixás**. 1.ed. São Paulo: Periferias, 2021.

BIRA. A Marca de Cã. **O Algoritmo da Imagem** (*YouTube*). Publicado em: 27 nov. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/i9554JWJDy0>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (orgs.). **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres (A cor da cultura, v.5). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Agua**. 2.ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

EXÚ nas Escolas. Elza Soares part. Edgar, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/NmDsmHtOgyw>. Acesso em: 03 mar. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 77.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HINO da Proclamação da República. Brasil, 1890. Disponível em: <https://youtu.be/tEqFQh9Rkh8>. Acesso em: 10 fev. 2023.

HUNTY, Rita von. Especial Karl Marx #02: Mercadoria, Valor e Trabalho. **Tempero Drag** (*YouTube*). Publicado em: 21 maio 2021. Disponível em: <https://youtu.be/bEI6aFqJbhg>. Acesso em: 10 fev. 2023.

HUNTY, Rita von. OTAN, Ucrânia e Rússia: o poder da ideologia. **Tempero Drag** (*YouTube*). Publicado em: 10 mar. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/2CiLnUKPfrI>. Acesso em: 10 fev. 2023.

HUNTY, Rita von. Antropofagia Zumbi. **Tempero Drag** (*YouTube*). Publicado em: 09 fev. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/TTst6-sfhRo>. Acesso em: 08 mar. 2023.

IPHAN [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional]. **Matrizes do Samba do Rio de Janeiro**: partido-alto, samba de terreiro, samba enredo [Dossiê 10]. [ed. Capa Dura]. Brasília: IPHAN, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, Nei. As origens africanas do samba. In: CENTRO CULTURAL CARTOLA. Brasil e África: Traduzindo a nossa tradição. **Samba em revista** (edição especial), ano 7, n.6, jan./2015. p.22-28.

LOPES, Nei. **O samba na realidade**: a utopia da ascensão social do sambista. Rio de Janeiro: Edições Malungo, 2017.

MANGUEIRA (Site Oficial). **Programa Social**. Disponível em: <https://mangueira.com.br/site/programa-social/>. Acesso em: 08 mar. 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2.ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

MUSEU DO SAMBA. Heranças africanas no Brasil. **Samba em revista** (edição especial), ano 13, n.11, dez./2021.

MUSEU DO SAMBA (*YouTube*). **Seminário Economia Criativa do Samba e Carnaval**. Publicado em: 15 jan. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/Shf6k8BWSZY>. Acesso em: 16 jan. 2023.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A Matriz Africana no Mundo** [Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira. 1]. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra**: sabedoria em símbolos africanos. 2.ed. Rio de Janeiro: Cobogó - IPEAFRO, 2022.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NATAL, Vinícius. Samba, cidadania e modernismo: aparando algumas arestas. In: MUSEU DO SAMBA. 1º Encontro Internacional Samba, Patrimônios Negros e Diáspora. **Samba em revista** (edição especial), ano 14, n.13, dez./2022. p. 19-28.

NETO, Lira. Os primórdios do samba. *VejaPontocom (YouTube)*. Publicado em: 15 mar. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/Ib5K3aJCgG0>. Acesso em: 09 mar. 2022.

NIEGRO, Guilherme. Quilombo do Samba: Circularidade - Princípio, Meio Princípio dos Saberes Tradicionais dos Quilombos Escolas de Samba. **Carnavalize**. Publicado em: 01 nov. 2020. Disponível em: <http://www.carnavalize.com/2020/11/circularidade-principio-meio-e.html>. Acesso em: 11 mar. 2023.

NOGUEIRA, Nilcemar. **O Centro Cultural Cartola e o Processo de Patrimonialização do Samba Carioca**. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/15147>. Acesso em: 05 jan. 2023.

NOSSO NOME: Resistência. Alcione, 1987. Disponível em: <https://youtu.be/HcrV9M4PgHs>. Acesso em: 04 jan. 2023.

O DIA em Que o Morro Descer e Não For Carnaval. Wilson das Neves, 1996. Disponível em: <https://youtu.be/RSpKeImahjM>. Acesso em: 10 fev. 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo [Mãe Stella de Oxóssi]. **Meu Tempo é Agora**. 2.ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

SILVA, Ana Lúcia de. **Ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira**: Estudos Culturais e Samba-enredo. 1.ed. Curitiba: Appris, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, Luiz Antônio; MUSSA, Alberto. **Samba de enredo**: história e arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: _____. **Questões Fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.59-82.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOU MAIS O SAMBA. Candeia, 1977. Disponível em: <https://youtu.be/VNtC0enlKnk>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. In: **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, 2021. p.64-83. Disponível em: <http://fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 18 mai. 2023.

THEODORO, Helena. **Iansã**: rainha dos ventos e das tempestades. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (orgs.). **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres (A cor da cultura, v.5). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p.11-15. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/07/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2023.

Enviado em: 12/03/2023

Aceito em: 23/06/2023